

Todos comemoram: os Panará renasceram

Foi um momento histórico aquele que umas 150 pessoas testemunharam no auditório do Sesc-Pompéia, na noite fria do outono paulistano do último dia 6. Ali estava quase 10% da população Panará. 12 homens e duas mulheres representando a tribo que teve seu contato documentado pela imprensa como nenhuma outra. 25 anos atrás, na divisa de Mato Grosso com o Pará.

Entre 1972 e 1973, quando foram "pacificados" no rio Peixoto de Azevedo, eles eram os índios gigantes", os Kreen-akarore (ou qualquer outra das muitas denominações alternativas que se quisesse adotar). Quando se descobriu que apenas um deles era realmente grande, com mais de dois metros de altura, o interesse – que até então era mundial – diminuiu. Nem mesmo a má notícia de que aquela nação primitiva estava desaparecendo por causa da BR-163, com suas doenças e seqüelas, conseguiu reavivar as atenções.

Orlando e Cláudio Villas Boas, que haviam comandado a frente de atração para permitir a passagem da estrada, ligando Cuiabá a Santarém, decidiram levar os 30% que haviam sobrevivido desde seu primeiro encontro, na floresta, para o Parque Nacional do Xingu. Entre índios inimigos e uma paisagem estranha, os Panará viveram ali seu exílio durante um quarto de século até decidirem, sete anos atrás, voltar à terra de origem.

No auditório do Sesc-Pompéia de São Paulo, o principal aliado dos índios nessa empreitada, o Instituto Socioambiental, programou uma festa para celebrar o renascimento dos Panará, agora com seu nome verdadeiro. Houve o lançamento de um belo álbum documental (*Panará, a volta dos índios gigan-*

tes, com impressionantes fotos de Pedro Martinelli e texto de Ricardo Arnt, Raimundo José Pinto e minha participação), a apresentação de um documentário dirigido por Aurélio Michiles e uma mesa-redonda.

Ela confrontou mais uma vez o último sobrevivente dos irmãos Villas Boas (Leonardo morreu primeiro e Cláudio foi-se no mês passado) e os índios que eles forçaram a ser incorporados à sociedade nacional. Orlando, com mais de 80 anos, pôde passar o braço sobre o ombro do cacique Akã e dizer-lhe paternalmente: "encontrei pela primeira vez seu pai ou seu avô em 1949".

Uma ou duas gerações de Panará desapareceram sob os olhos dos Villas Boas não por causas naturais, mas pelos azares da integração compulsória dos índios à civilização dos brancos, que impõe suas regras (e suas mazelas). Se Cláudio e Orlando não se tivessem antecipado aos peões e soldados do Batalhão de Engenharia de Construção do Exército, que vinham rasgando a floresta, ou dos garimpeiros, colonos e fazendeiros que os seguiram, os sobreviventes Panará teriam sido menos numerosos. E se não os tivessem forçado a abrigar-se no Parque do Xingu, talvez nenhum deles pudesse estar presente à festa de São Paulo.

Como haviam feito quase um ano antes, quando as imagens de sua história foram-lhes apresentadas pela primeira vez, no Museu de Arte de São Paulo, os Panará apon-taram seus dedos e fizeram acusações a Orlando (desta vez, Cláudio já não estava presente). Mas as sentidas quei-

xas poderiam ser interpretadas como a revolta de um passageiro que sobrevive a um acidente aéreo e reclama pela perda de toda a sua bagagem, com tudo de valioso que tinha dentro (inclusive, na história real dos índios, famílias inteiras).

Estará ao alcance dos índios brasileiros a possibilidade de escolher entre duas boas alternativas, ou só lhes resta preferir a menos ruim? O ideal é uma utopia ainda à espera de melhor formulação, mas os que participaram dos dois dias de programação em torno dos Panará puderam medir a importância da evolução. Mesmo excluídos das melhores alternativas e limitados por sua própria estrutura tribal (que os faz ver sempre apenas o cenário imediato e exigir adesão incondicional por parte de seus aliados, mesmo que eles não lhes possam conceder o tempo integral e equipes inteiras, como *sempre* querem), os índios estão mais bem equipados e têm adeptos melhor preparados.

Foram os Panará, contra todas as possibilidades então admitidas, que decidiram embarcar na aventura da volta à terra nativa. Mas eles não alcançariam o objetivo sem companheiros de viagem como o ISA, que, além de bem intencionados, são competentes no assunto. Claro que as comemorações da semana passada não são absolutas: ainda está pendente o pagamento de indenização aos índios e a demarcação de sua nova reserva, com quase 500 mil hectares (a maior parte dela já do lado do Pará, nas nascentes do rio Iriri). Mas pelo menos os participantes daquele momento histórico do dia 6 tinham o que comemorar, uma motivação rara (mas com frequência crescente nos últimos tempos) na história do indigenismo brasileiro.